



Formação  
Docente:  
Princípios e  
Fundamentos 5

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
(Organizadora)

# **Formação Docente: Princípios e Fundamentos 5**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F723	Formação docente [recurso eletrônico] : princípios e fundamentos 5 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente: Princípios e Fundamentos; v. 5)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-366-8 DOI 10.22533/at.ed.669193005  1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 370.71
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

No seu quinto volume gostaria que soubesse que, mesmo longe de alguns, muito longe de outros, nossa relação durante esses meses será de respeito por Você que está na sala de aula. A educação não tem sentido se não for para humanizar os indivíduos. Como dizia Paulo Freire: Humanizar é gentilar os indivíduos. Estamos na era digital que seguem pelas veias humanas visando eliminar ranços. Todo o avanço científico tecnológico traz benefícios para nossa a formação docente e sociedade, mas, ainda, nos causa medo e nem sempre sabemos lidar com ele. Novas tecnologias, quando disseminadas pela sociedade, levam a novas experiências e a novas formas de relação com o outro, com o conhecimento e com o processo de ensino-aprendizagem. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido". (O Último discurso", do filme O Grande Ditador).

Abri o volume V, No artigo O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA USADA NO NIVELAMENTO DOS INGRESSOS DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA REGULAR, os autores Acelmo de Jesus BRITO, Alan Kardec Messias da SILVA, Ediel Pereira MACEDO buscam apresentar considerações sobre o desenvolvimento de um curso de Matemática Básica como nivelamento em matemática, no interior da disciplina de Geometria Analítica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres-MT. No artigo O CONCEITO DE BLENDED LEARNING: BREVE REVISÃO TEÓRICA, as autoras Luciana Maria Borges e Rosemara Perpetua Lopes buscam localizar na literatura estrangeira estudos sobre esse tema, com enfoque no Ensino Superior. Para tanto, realizamos uma breve revisão teórica, abrangendo o período de 2007 a 2017, por meio de busca nos bancos de dados Redalyc e Scielo. No artigo O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DOS SENTIMENTOS MORAIS: IMPLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, os autores Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann, Alonso Bezerra de Carvalho, Jair Izaias Kappann Busca apresentar os estudos de Piaget a respeito do paralelismo existente entre o desenvolvimento cognitivo e o dos sentimentos, aí inclusos os sentimentos morais e a própria moralidade, pensando o ambiente sociomoral das escolas e o desenvolvimento moral, problematizando as implicações deste conhecimento na formação dos professores da atualidade. No artigo O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA: ESTUDO DOCUMENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/REGIONAL GOIÂNIA os autores Anegleyce Teodoro Rodrigues e Samuel de Souza Neto buscam realizar uma investigação em nível de pós-doutorado e conta com apoio financeiro de bolsa financiada pelo PNPd/CAPES, com o objetivo descrever e analisar o projeto de estágio e a característica da parceria entre universidade e escola e sua relação com o projeto de formação de professores em Educação Física do curso

da UFG, Regional Goiânia. No artigo O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL as autoras Roberta Seixas, Denise Maria Margonari, Luana Aparecida Etelvina de Souza, Isabela Cristina Urbano de Almeida buscam a utilização do humor como metodologia para o ensino da Educação Sexual e para potencializar a aprendizagem dos alunos. No artigo O IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O PEDAGOGO PROFISSIONAL, os autores ANELIZE RAFAELA de SOUZAFABIO RIEMENSCHNEIDER o artigo investiga o imaginário coletivo de estudantes ingressantes no curso de pedagogia sobre a atuação do pedagogo. Objetiva apresentar e refletir sobre o campo de sentido afetivo-emocional denominado Pedagogo Profissional. No artigo O OLHAR DA TUTORIA PELOS TUTORES: FORMAÇÃO E IDENTIDADE, o autor Thiago Pedro de Abreu busca investigar como os professores se tornaram tutores e o que os levou a atuar nesta modalidade de ensino. Pesquisa fundamentada em Belloni (2012) destaca a construção da identidade dos tutores, que está ligada à formação de professores. No artigo O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA, os autores Enio Serra, Ana Angelita Rocha, Roberto Marques buscam compreender o cotidiano escolar a partir da relação entre a produção de subjetividades e o espaço geográfico. No artigo O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM GOIÁS: ITUMBIARA, 2013-2015, o autor Juliano Guerra Rocha busca relatar a experiência sobre a formação de professores alfabetizadores, no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/MEC), na cidade de Itumbiara/Goiás. No artigo O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DOS SEUS EGRESSOS, os autores Márcia Mendes Ruiz Cantano, Noeli Prestes Padilha Rivas, buscaram investigar o Programa PAE-USP como espaço institucional de formação de professores para o ensino superior, a partir da perspectiva dos seus egressos, que hoje atuam como docentes em instituições de ensino superior públicas brasileiras. O REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE/MT E AS IMPLICAÇÕES À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS Soely Aparecida Dias Paes, Kelly Katia Damasceno Erika Silva Alencar Meirelles, buscam analisar os preceitos teóricos adotados no Referencial Curricular da Educação Infantil de Várzea Grande-MT, bem como refletir sobre as implicações à aprendizagem das docentes que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), visto a urgência em (re)significar práticas educativas voltadas à alfabetização e o letramento nesta primeira etapa de escolarização da educação básica. No artigo O SABER-FAZER DOCENTE: UM ESTUDO A PARTIR DAS ABORDAGENS DAS TEORIAS DE ENSINO Lilian de Assis Monteiro Lizardo, Márcia Tostes Costa da Silva, Maria de Fátima Ramos de Andrade busca analisar como professores de Educação Infantil concebem os fundamentos de suas práticas. Para tal, inicialmente, apresentamos as abordagens de ensino e aprendizagem

MIZUKAMI (1986). No artigo O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO, os autores Carlos Augusto Santana Sobral, Manoel de Souza Araújo, Rafael Marques Gonçalves, buscam explicar os fatores que levam o estranhamento até à docência, buscaram, luzes no pensamento de Karl Marx e outros estudiosos que seguem a mesma corrente teórica. Assim, enfatizamos a importância do trabalho na perspectiva de Marx para mostrar a crueldade de grupos elitizados em utilizar a educação como escoamento da ideologia dominante. No artigo O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO DE ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA, os autores Elaine CALDEIRA e George L. R. BRITO buscam realizar um relato da experiência de práticas de letramento na produção de artigos de revisão de literatura realizada na disciplina “Introdução aos Estudos Linguísticos”, oferecida aos estudantes do primeiro semestre do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês do Campus Riacho Fundo, Instituto Federal de Brasília-IFB. No artigo ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DESTINADAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA PAULISTA (1934-1960), a autora Márcia Cristina de Oliveira Mello busca identificar e compreender quais orientações metodológicas receberam os primeiros professores de Geografia para atuar na escola paulista, entre os anos de 1934 e 1960. No artigo OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UM PROFESSOR EM COMEÇO DE CARREIRA, os autores Carlos Alberto Tavares Dias Filho e Itale Luciane Cericato buscam discutir os dados preliminares de um estudo que investiga como um professor iniciante sente e significa suas primeiras experiências profissionais. No artigo OS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE FREIRE E STEINER E SUAS RELAÇÕES COM OS MEIOS ELETRÔNICOS DO COTIDIANO DISCENTE Claudia de Jesus Tietsche Reis a autora busca investigar os princípios pedagógicos de Paulo Freire e Rudolf Steiner para dialogar com a realidade discente, influenciada pelos meios eletrônicos – televisão, videogame e computador. No artigo PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM TEMAS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA Cristiane Imperador Márcia Azevedo Coelho – UNICAMP busca promover uma reflexão acerca da valorização que um grupo de docentes atribui à diversidade epistemológica, no que concerne à participação da população nas decisões sociais sobre questões relacionadas a ciência e tecnologia. No artigo POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO CENSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO, os autores Marcos Vinicius Marques, Paulo Sergio Gomes, Jobert Chacon Teixeira Gláucia Beatriz Victor Petian, buscam realizar um diagnóstico da formação dos professores e estabelecer ações formativas mais incisivas e eficazes, foi elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de Jaú (SP), e aplicado junto a todos os professores pertencentes à dita rede de ensino, que estão em exercício nas séries iniciais do ensino fundamental, um Censo sobre formação de professores. No artigo PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO

FUNDAMENTAL Adriana Torquato Resende Kézia Costa de Oliveira Rocha Carvalho, buscou analisar práticas pedagógicas de professores de 5º ano. No artigo PREDISPOSIÇÃO AO SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM a autora Sendy Meléndez Chávez y Sara Huerta González, busca analisar se estudantes de enfermagem estão predispostos ao esgotamento profissional. No artigo PRIMER MOLAR. LA LLAVE PARA UNA BOCA SANA os autores Perez Novoa, María José, Castelli, Patricia; Abal, Adrian; Erbicela, Beatriz; Capraro, Eugenia; Capraro Carlos; Salvatore, Luis Alberto; Etchegoyen, Liliana; Mogollon, Miguel; Gonzalez, Anabel; De Vicente, Cecilia; Obiols, Cecilia; Gulayin, Guillermo; Spisirri, Sebastian, Buscam promueve la formación de un profesional dentro de la realidad social, con una relación interdisciplinaria y articulando la asistencia, educación y salud; donde los alumnos toman conciencia de factores etiológicos y condicionantes de sus efectos, supervisado por docentes. No artigo PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL a autora Fatima Aparecida de Souza busca apresentar uma experiência de formação continuada realizada com 132 professores da Educação Básica de diferentes áreas do conhecimento, em uma Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo. No artigo PRODUÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NAS LICENCIATURAS: A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DOCÊNCIA, as autoras Luciana de Lima, Robson Carlos Loureiro, Gabriela Teles busca analisar de que forma os licenciandos de Instituição Pública de Ensino Superior (IPES), participantes da disciplina Tecnodocência em 2017.2, transformam sua compreensão sobre docência a partir do desenvolvimento de Materiais Autorais Digitais Educacionais (MADEs).

No artigo PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE POLIVALÊNCIA E O CURSO DE PEDAGOGIA, a autora Vanda Moreira Machado Lima busca refletir sobre o professor dos anos iniciais enfatizando o conceito de polivalência.

Solange Aparecida de Souza Monteiro



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA USADA NO NIVELAMENTO DOS INGRESSOS DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA REGULAR	
Acelmo de Jesus Brito Alan Kardec Messias da Silva Ediel Pereira Macedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
O CONCEITO DE <i>BLENDED LEARNING</i> : BREVE REVISÃO TEÓRICA	
Luciana Maria Borges Rosemara Perpetua Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DOS SENTIMENTOS MORAIS: IMPLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann Alonso Bezerra de Carvalho Jair Izaías Kappann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA: ESTUDO DOCUMENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/REGIONAL GOIÂNIA	
Anegleyce Teodoro Rodrigues Samuel de Souza Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL	
Roberta Seixas Denise Maria Margonari Luana Aparecida Etelvina de Souza Isabela Cristina Urbano de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
O IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O PEDAGOGO PROFISSIONAL	
Anelize Rafaela De Souza Fabio Riemenschneider	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930056</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>64</b>
O OLHAR DA TUTORIA PELOS TUTORES: FORMAÇÃO E IDENTIDADE	
Thiago Pedro de Abreu	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA	
Enio Serra	
Ana Angelita Rocha	
Roberto Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM GOIÁS: ITUMBIARA, 2013-2015	
Juliano Guerra Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DOS SEUS EGRESSOS	
Márcia Mendes Ruiz Cantano	
Noeli Prestes Padilha Rivas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
O REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE/MT E AS IMPLICAÇÕES À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS	
Soely Aparecida Dias Paes	
Kelly Katia Damasceno	
Erika Silva Alencar Meirelles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
O SABER-FAZER DOCENTE: UM ESTUDO A PARTIR DAS ABORDAGENS DAS TEORIAS DE ENSINO	
Lilian de Assis Monteiro Lizardo	
Márcia Tostes Costa da Silva	
Maria de Fátima Ramos de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO	
Carlos Augusto Santana Sobral	
Manoel de Souza Araújo	
Rafael Marques Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300513</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO DE ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA	
Elaine Caldeira George L. R. Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300514</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>155</b>
ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DESTINADAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA PAULISTA (1934-1960)	
Márcia Cristina de Oliveira Mello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300515</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UM PROFESSOR EM COMEÇO DE CARREIRA	
Carlos Alberto Tavares Dias Filho Itale Luciane Cericato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300516</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>176</b>
OS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE FREIRE E STEINER E SUAS RELAÇÕES COM OS MEIOS ELETRÔNICOS DO COTIDIANO DISCENTE	
Claudia de Jesus Tietsche Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM TEMAS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
Cristiane Imperador Márcia Azevedo Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>201</b>
POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO CENSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO	
Marcos Vinicius Marques Paulo Sergio Gomes Jobber Chacon Teixeira Gláucia Beatriz Victor Petian	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>211</b>
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Adriana Torquato Resende Kézia Costa de Oliveira Rocha Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300520</b>	

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>223</b>
PREDISPOSIÇÃO AO SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM	
Sendy Meléndez Chávez	
Sara Huerta González	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300521</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>234</b>
PRIMER MOLAR. LA LLAVE PARA UNA BOCA SANA	
María José Perez Novoa	
Patricia Castelli	
Adrian Abal	
Beatriz Erbicela	
Eugenia Capraro	
Carlos Capraro	
Luis Alberto Salvatore	
Liliana Etchegoyen	
Miguel Mogollon	
Anabel Gonzalez	
Cecilia De Vicente	
Cecilia Obiols	
Guillermo Gulayin	
Sebastian Spisirri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300522</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>242</b>
PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Fatima Aparecida de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300523</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>253</b>
PRODUÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NAS LICENCIATURAS: A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DOCÊNCIA	
Luciana de Lima	
Robson Carlos Loureiro	
Gabriela Teles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300524</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>266</b>
PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE POLIVALÊNCIA E O CURSO DE PEDAGOGIA	
Vanda Moreira Machado Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300525</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>279</b>

## O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO

### **Carlos Augusto Santana Sobral**

Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Universidade Federal do Acre, Rio Branco-Acre

### **Manoel de Souza Araújo**

Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Universidade Federal do Acre, Rio Branco-Acre.  
Bolsista CAPES

### **Rafael Marques Gonçalves**

Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Universidade Federal do Acre, Rio Branco-Acre

**RESUMO:** historicamente, o homem dá vida a inúmeros objetos que podem satisfazer suas necessidades a partir de sua ação na natureza. A sociedade que existe hoje evoluiu devido esse materialismo histórico dialético, onde o homem e a natureza estão em constante consonância. O homem ao passo que modificava a natureza, modificava a si mesmo, chamamos isso de trabalho. Essa ação do homem sobre a natureza resulta em uma complexa subjetivação. Mas com o advento da nova ordem econômica (capitalismo), houve uma inversão do sentido do trabalho. O indivíduo não mais se reconhece como criador do objeto, ele o estranha, não consegue perceber que até mesmo sua subjetividade não lhe pertence. Para explicar isso e os fatores que levam o estranhamento até à docência, fomos buscar luzes no pensamento de Karl Marx e outros estudiosos que seguem a

mesma corrente teórica. Assim, enfatizamos a importância do trabalho na perspectiva de Marx para mostrar a crueldade de grupos elitizados em utilizar a educação como escoamento da ideologia dominante

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho. Estranhamento. Docência.

**ABSTRACT:** historically, man gives life to countless objects that can satisfy his needs from his action in nature. The society that exists today evolved due to this dialectical historical materialism, where man and nature are in constant consonance. Man, while modifying nature, modifying himself, we call it work. This action of man upon nature results in a complex subjectivation. But with the advent of the new economic order (capitalism), there was a reversal of the meaning of labor. The individual no longer recognizes himself as the creator of the object, he the strange, cannot perceive that even his subjectivity does not belong to him. To explain this and the factors that lead to strangeness to teaching, we have sought light in the thinking of Karl Marx and other scholars who follow the same theoretical trend. Thus, we emphasize the importance of work in Marx's perspective to show the ruthlessness of elitist groups in using education as the outlet for the dominant ideology.

**KEYWORDS:** Job. Strangeness. Teaching

## INTRODUÇÃO

O homem através de sua ação intencional sobre a natureza, vai se distanciando da vida selvagem. No seu desenvolvimento, o homem cria inúmeros objetos que acabam lhe auxiliando em seu trabalho. Diferentemente dos animais, os homens antecipam sua ação com a natureza e ainda cria instrumentos para lhe auxiliar nesse trabalho. Com a dialética dessa ação homem e natureza, suas subjetividades vão se aprimorando e tornando mais complexas, modificando sua existência rude, selvagem em existência humana.

O homem pode ser distinguido dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer outra coisa que se queira. Eles próprios, no entanto, começam a se distinguir dos animais assim que começam a produzir seus meios de subsistência... Produzindo seus meios de subsistência eles estão produzindo indiretamente sua vida material. (MARX; ENGELS, 1968, p. 6)

A nova ordem econômica inverteu o sentido do trabalho, o trabalhador não consegue mais ter o conhecimento do objeto criado, ele tem parte do conhecimento. Esse objeto ou mercadoria, pertence aos poucos homens que detém os meios de produção. O trabalhador agora vende sua força de trabalho, transformando-a também em mercadoria. Agora o trabalho é estranho ao trabalhador, o então chamado estranhamento. O trabalhador, como anteriormente mencionado, não consegue enxergar ligação alguma entre sua vida e o objeto criado. O objeto, também é o próprio homem objetivado, o homem aparece a si mesmo como um estranho que pertence a outro.

## O TRABALHO ESTRANHADO: FRUTO DA EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM

Segundo Marx-Engels (1982), o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riquezas produz. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. Presenciamos uma inversão, com a valorização do mundo das coisas, aumenta a desvalorização do mundo dos homens. Um exemplo bem claro, seria uma montadora de veículos. O carro é feito pelo o homem, porém, este que o faz recebe uma remuneração pelo seu trabalho, que é muito inferior ao preço do veículo e, se não bastasse, muitos deles não podem se quer comprar o bem produzido. Segundo o autor, o trabalho não produz somente mercadorias, ele produz a si mesmo e o trabalhador. O homem quem produz um certo objeto, muitas das vezes não conseguem compra-lo.

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho está todas essas consequências. Com efeito segundo esse pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (ausararbeitet), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (fremd) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. É do mesmo modo a

religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho (MARX-ENGELS, 1982, p. 81).

O objeto não é mais a exteriorização de algo prefigurado, o homem não o conhece, é algo estranho, esse objeto agora tem autonomia diante do seu criador. Este é um servo de seu objeto.

Segundo Marx-Engels (1982), a economia nacional oculta o estranhamento, porque eles não consideram a relação imediata entre o trabalhador e a produção. O autor critica tal afirmação, pois segundo ele, o trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privações para o trabalhador. O trabalho nos moldes capitalistas tem esse efeito discriminador maquiavélico.

O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto sacrifício, de mortificação. Finalmente a externalidade (Äusserlichkeit) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de um outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro (MARX-ENGELS, 1982, p. 83).

A exploração pelo trabalho é tão cruel, que segundo Marx-Engels (1982), o homem só se sente livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar. O trabalho teve seu sentido distorcido pela nova ordem econômica. Agora o trabalho é um fardo, apenas suportado para a sobrevivência do indivíduo. Há um esvaziamento da essência do trabalho. Segundo Antunes (2004), o trabalho parte da premissa que pertence exclusivamente ao homem. Segundo o autor:

Uma aranha executa operações semelhantes às de um tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, no material natural seu objeto, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (ANTUNES, 2004, p.37)

O trabalho em sua essência, modificou a sociedade e o próprio homem. O que presenciamos na contemporaneidade é a exploração advinda da ordem econômica capitalista, onde vigora a exploração do homem pelo homem, ou seja, aquele que detém os meios de produção paga pela força de trabalho deste que agora também é uma mercadoria.

Segundo Netto e Braz (2006), o trabalho é algo substancialmente diverso da atuação do animal e o seu meio ambiente. A medida que em que foi se estruturando e desenvolvendo ao longo do tempo, o trabalho rompeu com os padrões naturais daquelas atividades. Diferentemente dos animais que já nascem determinados

geneticamente a realizar algo, como o João-de-Barro que nasce “programado” para construir sua casa em uma relação direta com a natureza, o homem se diferencia dos animais nessa relação com a natureza. Os autores trazem pontos que reforçam tais diferenciações:

Em primeiro lugar, porque o trabalho não se opera com uma atuação imediata sobre a matéria natural; diferentemente, ele exige instrumentos que, no seu desenvolvimento, vão cada vez mais se interpondo entre aqueles que executam e a matéria; em segundo lugar, porque o trabalho não se realiza cumprindo determinações genéticas; bem ao contrário, passa a exigir habilidades e conhecimentos que se adquirem inicialmente por repetição e experimentação e que se transmitem mediante aprendizado; em terceiro lugar, porque o trabalho não atende a um elenco limitado e praticamente invariável de necessidades, nem as satisfaz sob formas fixas; se é verdade que há um conjunto de necessidades que sempre deve ser atendido (alimentação, proteção contra intempéries, reprodução biológica etc.), as formas desses atendimentos variam muitíssimo e, sobretudo, implicam o desenvolvimento, quase sem limites, de novas necessidades (NETTO e BRAZ, 2006, p.31).

Percebemos que essas características se diferenciam daquelas atividades realizadas pelos animais, ou seja, determinadas pela natureza. As características acima citadas são particulares dos homens, que quando inteiramente desenvolvida denomina-se de trabalho. Este tem como ponto de partida uma intencionalidade prévia, conduzida a partir do fim proposto pelo homem.

A realização do trabalho só se dá quando essa prefiguração ideal se objetiva, isto é, quando a matéria natural, pela ação material do sujeito, é transformada. O trabalho implica, pois, um movimento indissociável em dois planos: um plano subjetivo (pois a prefiguração se processa no âmbito do sujeito) e um plano objetivo (que resulta na transformação material da natureza); assim, a realização do trabalho constitui uma objetivação do sujeito que o efetua (NETTO e BRAZ, 2006, p.32).

O homem ao realizar o trabalho é levado a fazer escolhas, e estas não se devem a pulsões naturais, ele precisa avaliar uma série de elementos para a realização do trabalho. Netto e Braz (2006), salientam que o trabalho além de ser uma atividade específica do homem em sociedade, é também o processo histórico pelo qual surgiu o ser desses homens, o ser social.

Segundo Netto e Braz (2006), o ser social se diferencia dos outros seres porque são capazes de: realizar atividades teologicamente orientadas, objetiva-se material e idealmente, comunica-se e expressa-se pela linguagem articulada, trata suas atividades e a si mesmo de modo reflexivo, consciente e autoconsciente, escolhe entre alternativas concretas, universalizar-se e socializa-se. Somente o ser social cria produtos, representações e símbolos que ganham objetividade na medida que os concretiza.

Na sua ação e na sua atuação, o ser social sempre encontra alternativas e sempre pode escolher- e a escolha entre alternativas concretas configura o exercício da liberdade: ser livre e escolher entre elas; o ser social é um ser capaz de liberdade. Pensar, conhecer, projetar, objetivar-se, escolher- tudo isso supõe a capacidade de se desprender do dado imediato, das singularidades dos fenômenos: supõe



a capacidade de universalizar. E, enfim, para reproduzir-se como tal, ampliar-se e enriquecer-se – o que não pode fazer através de mecanismos meramente genéticos ou biológicos-, o ser social dispõe da capacidade de socialização, isto é, ele é passível de apropriação e desenvolvimento por parte dos membros da sociedade no interior da própria sociedade, através, fundamentalmente, dos processos de interação social, especialmente os educativos (formais e informais) (NETTO e BRAZ, 2006, p.42).

Quanto mais rico é o ser social, ou seja, quanto mais rica é sua subjetividade, mais complexas são as suas objetivações. Podemos notar isso na ciência, na filosofia, na arte etc., pois ela constituiu uma certa autonomia das exigências imediatas do trabalho.

Segundo Netto e Braz (2006), o ser social é mais que trabalho, pois como falado anteriormente, suas objetivações podem transcender o universo do trabalho, tal proposição pode ser explicada pela categoria de práxis. Esta, envolve muito mais do que o trabalho, inclui todas as objetivações humanas.

Com a categoria de práxis podemos notar que o homem vai além das objetivações primárias constituídas pelo trabalho. Exemplo disso é sua “objetivações materiais e ideais da ciência, da filosofia, da arte, construído um mundo de produtos, obras e valores”, Netto e Braz (2006). Mas a práxis, conforme as condições histórico-sociais em que se realiza, tende a produzir objetivações que se apresentam aos homens não como obras suas, mas algo que é estranho e coercitivo.

Mas das práxis não resulta somente produtos, obras e valores que permitem aos homens se reconhecerem como autoprodutores e criativos. Conforme as condições histórico-sociais em que se realiza (vale dizer: conforme as estruturas sociais em que se insere a atividade dos homens não como obras suas, como sua criação, mas, ao contrário, como algo em que eles não se reconhecem, como algo que lhes é estranho e opressivo. Em determinadas condições histórico-sociais, os produtos do trabalho e da imaginação humanos deixam de se mostrar como objetivações que expressam a humanidade dos homens aparecem mesmo como algo que, escapando ao seu controle, passa a controlá-los como um poder que lhes é superior. Nessas condições, as objetivações, ao invés de revelarem aos homens como a expressão de suas forças sociais vitais, impõem-se a eles como exterior e transcendentem. Numa palavra: entre os homens e suas obras, a relação real, que é a relação entre criador e criatura, aparece invertida—a criatura passa a dominar o criador (NETTO e BRAZ, 2006, p.44).

Netto e Braz (2006), traduzem esse fenômeno histórico de inversão como alienação. Ainda segundo os autores, a alienação é própria da sociedade onde existe a divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção fundamentais. Nesse contexto o produto do trabalhador não lhe pertence, ele é expropriado.

No estranhamento (alienação), a subjetividade do homem é apropriada por outros homens, assim o sujeito é transformado em objeto, ao passo que aquele mensura a força de trabalho deste. O trabalho docente não está isento do estranhamento (alienação), pelo contrário, o campo educacional é vítima e escoadora dessa ideologia capitalista. Elementos como a cultura da performatividade, modelo gerencial empregado

na educação e a intensificação, são fatores que levam o estranhamento do trabalho docente. Trataremos a seguir o estranhamento dentro desse campo.

## **AS FACES DA ESCOLA: DO ESTRANHAMENTO DO TRABALHO DOCENTE À PRÁTICAS EMANCIPADORAS**

Segundo Frigotto (2010), a educação apresenta-se historicamente como um campo da disputa hegemônica. Essa disputa dar-se de forma tendenciosa para manipulação de concepções, da organização, e dos processos e conteúdo educativos na escola, aos interesses de classes.

Além da reprodução, numa escala ampliada, das múltiplas habilidades sem as quais a atividade produtiva não poderia ser realizada, o complexo sistema educacional da sociedade é também responsável pela produção e reprodução da estrutura de valores dentro da qual os indivíduos definem seus próprios objetivos e fins específicos. As relações sociais de produção capitalistas não se perpetuam automaticamente. (FRIGOTTO, apud MÉSZAROS, 1981, p.260)

Na perspectiva das classes dominantes, historicamente, a educação voltada para os trabalhadores deve ter um fim técnico, social e ideológico para o trabalho. Assim, “trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital”, Frigotto (2010).

Na contramão dessa ideologia maquiavélica e sem escrúpulos da classe dominante, está a expectativa da classe trabalhadora com relação a educação,

a educação é, antes de mais nada, desenvolvimento de potencialidades e a apropriação de “saber social” (conjunto de conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que são produzidos pelas classes, em uma situação histórica dada de relações para dar conta de seus interesses e necessidades). Trata-se de buscar, na educação, conhecimentos e habilidades que permitam uma melhor compreensão da realidade e envolva a capacidade de fazer valer os próprios interesses econômicos, políticos e culturais. (FRIGOTTO, apud GRZYBOWSKI, 1986, p. 41-42)

Podemos notar que o processo de produção e processo educativo e formação do indivíduo, vem sendo marcadas por concepções antagônicas. De um lado a classe dominante distorcendo a função social da escola para fomentar o caráter perverso da desigualdade de classes, no outro, a classe trabalhadora com expectativas que transcendem a forma que é encaminhada a educação.

Segundo Frigotto (2010), a qualificação humana não deve ser subordinada às leis do mercado e à sua adaptabilidade e funcionalidade, seja sob a forma de “domesticadora do indivíduo”, dos esquemas tayloristas, seja na forma da polivalência e formação abstrata e formação geral.

A qualificação humana diz respeito ao desenvolvimento de condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano (condições omnilaterais) capazes de ampliar a capacidade de trabalho dos valores de uso em geral como

condições de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano no seu devenir histórico. Está, pois, no plano dos direitos que não podem ser mercantilizáveis e, isso ocorre, agride-se elementarmente a própria condição humana. (FRIGOTTO, 2010, p.34)

Segundo Frigotto (2010), o trabalho é o pressuposto fundamental para o ser social. Para o autor ele é o princípio educativo, portanto é fundamental que todo o ser humano, desde os primeiros contatos com a escola, socialize este pressuposto. Caso contrário, o ensino se ver subordinado as práticas educativas ao interesse do capital. Frigotto salienta que o caráter explícito desta subordinação é o ensino dualista, formação humana para classes dirigentes e a classe trabalhadora.

Esta subordinação nem sempre é de fácil dissimulação ao longo do desenvolvimento do sistema capitalista. Assim, por diferentes maneiras, o caráter contraditório das relações sociais capitalistas pode ser explicado no âmbito das relações entre a sociedade e os processos educativos, ou destes com o processo produtivo. Isto nos indica, de um lado, que o capital é prisioneiro de sua contradição, de seus limites de concepção (fragmentária) da realidade, portanto não é onisciente e, de outro, que é confrontado por interesses da classe trabalhadora que lhe são antagônicos. (FRIGOTTO, 2010, p.34)

Essa subordinação das práticas educativas à interesses de classes hegemônicas tem seu “calcanhar de Aquiles” em suas contradições. Porém, segundo Frigotto, a medida que o sistema capitalista se solidifica e os sistemas educacionais se estruturam, a educação dualista se fortalece: escolas disciplinadoras e adestradora para os filhos dos trabalhadores e escolas de qualidade para os filhos das classes dirigentes.

Marx e Engels, embora não tenham efetivado uma análise específica da questão educacional, em diferentes momentos criticam a perspectivas unilateral da subordinação da escola ao capital sob as relações capitalistas e os mecanismos de burla às parcas conquistas dos trabalhadores contempladas nas cláusulas sobre educação nas leis fabris. (FRIGOTTO, 2010, p.37)

A grande maioria dos mentores dessa subordinação vem dos organismos internacionais, eles ditam essa subordinação. Frigotto, nos diz que tanto a integração econômica, quanto a valorização da educação básica geral para formar trabalhadores, ficam subordinados à lógica do mercado, do capital e, portanto, da diferenciação, segmentação e exclusão. O autor ainda reforça que o mecanismo de exclusão social, materializado no desemprego estrutural crescente e no emprego precário, é uma estratégia para manter o metabolismo da exploração pelo capital.

Segundo Frigotto (2010), no campo educacional e formação, o processo de subordinação busca materializa-se mediante a delimitação dos conteúdos e da gestão do processo educativo. No plano dos conteúdos, há uma exigência de um maior conhecimento (polivalência), mas não necessariamente um conhecimento que beneficie o trabalhador. Pelo contrário, essa necessidade da ampliação dos conhecimentos tende a gerar o que conhecermos de intensificação do trabalho,

podemos ver tal perversidade no trabalho docente.

Segundo Apple (1997), a intensificação do trabalho docente é acompanhada por dois processos históricos: desqualificação do trabalhador, pois ao passo que ele tem que ampliar seu bojo de habilidades, distancia-se de sua especialidade, e a concepção e execução do trabalho. Apple afirma que a crise financeira levou a escassez de trabalhadores, isso justifica a necessidade de um só trabalhador desempenhar diversas funções. Essa intensificação tem desdobramento tanto na qualidade do profissional, anteriormente mencionado e também em sua vida particular. Percebemos nas afirmações do autor que a intensificação, segundo o que vem sendo exposto nesse artigo é um exemplo claro de estranhamento do trabalho. Porque ao passo que esses trabalhadores devem ter mais habilidades, distancia-se das suas especificidades.

O professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de desempenhar papéis que estão para além de sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar as funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional, da constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante (OLIVEIRA, 2003, p. 33)

Esses elementos, juntamente com os baixos salários e a falta de perspectiva de melhoras por parte dos professores, levam estes ao estranhamento do ofício. Para combater isso, o professor deve se reconhecer como sujeito do seu próprio trabalho.

Outro fator que favorece o processo de subordinação das classes dos trabalhadores, que não isenta à docência e, conseqüentemente culmina no estranhamento, também é a gestão dos processos educativos. Estes, estão em sua maioria viciados por interesses das classes hegemônicas.

Segundo Oliveira (2007), a participação política da sociedade civil organizada na constituição de sujeitos coletivos, enaltece o valor do capital e utiliza a força de trabalho humana apenas como parcela imprescindível à reprodução deste capital.

Apesar dessa participação político-social contribuir para instigar a emancipação social e política das pessoas que constituem esses sujeitos coletivos, há pouca capacidade deles se contraporem de modo radical às práticas, valores e hábitos da cultura política tradicional. Esta situação põe em risco sua capacidade de promover mudança social e política. O risco está no fato dos sujeitos atuarem num ambiente eivado de elementos da cultura política, onde velhos e novos valores coexistem, e dificilmente estes sujeitos conseguem isentarem-se dos efeitos das velhas práticas culturais. Tal constatação coloca em dúvida as possibilidades de mudança no âmbito estrutural, no campo político, econômico, social e cultural [...] neste sentido, a participação nos espaços públicos do tipo conselhos, conferência e fóruns têm valor mais pedagógico e organizativo do que valor político deliberativo. (OLIVEIRA, 2007, p. 12).

O modelo gerencial nasceu na administração privada, sendo assim, quando trazida para o campo educacional, não visa em hipótese alguma o investimento em uma educação de qualidade, emancipadora. Um dos eixos norteadores dessa

administração é enxugar recursos e isentar o Estado de maiores responsabilidades financeiras (descentralização). Esse modelo de gestão reforça ainda mais a subordinação à classe hegemônicas.

Segundo Frigotto (2010), a escola enquanto instituição que se insere no interior de uma formação social, onde há uma supremacia das relações sociais de produção capitalistas, tende a mediar os interesses do capital.

Essa mediação, entretanto, à medida que se efetiva no interior de relações sociais, onde estão interesses antagônicos, não se dá de forma linear. Por isso é que a gestão da escola adequada aos interesses do capital lhe é historicamente problemática. A escola que interessa à grande maioria dos que ela tem acesso—ou que gostam de ter—não é a escola requerida pelos interesses do capital. Numa sociedade organicamente montada sobre a discriminação e o privilégio de poucos, não há interesse por uma escolarização que nivela—em quantidade e qualidade—o acesso efetivo do saber. (FRIGOTTO, 2010, p.202).

O autor ainda aponta que a desqualificação da escola, constitui-se numa forma sutil e eficaz de negar o acesso à ensino de qualidade para as classes trabalhadoras. Dessa forma, marginalizam as classes trabalhadoras das decisões primárias, que traçam o destino da sociedade.

A desqualificação da escola, para a grande maioria que constitui a classe trabalhadora, não é uma questão conjuntural—algo, como insinua a tecnocracia, a ser redimido, recuperado por mecanismos técnicos (ou pela tecnologia educacional). Trata-se de uma desqualificação orgânica, uma “irracionalidade racional”, uma “improdutividade produtiva”, necessária à manutenção da divisão social do trabalho e, mais amplamente, à manutenção de sociedade. (FRIGOTTO, 2010, p.204).

Frigotto (2010) salienta que, se o espaço escolar, enquanto espaço e difusão de conhecimento, é alvo de uma disputa, pois a escola que se organiza para mediar os interesses do capital, não é a mesma que buscam os trabalhadores.

As práticas educativas não devem se dissociar das práticas sociais, pelo contrário elas devem estar justapostas, articuladas. Assim, pode-se desvelar interesses das classes dominantes. A perversidade desta, vem sempre de forma implícita e sutil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a categoria trabalho é central para a explicação da sociedade. Mas quando nos referimos ao trabalho, não falamos do trabalho assalariado e estranhado que tem um quantitativo astronômico em nossa sociedade. O trabalho que aqui menciono é aquele que modifica a subjetividade do homem, transforma-o em um ser social, dá-lhe autonomia em sua atividade laborativa.

Vimos no decorrer do artigo que a perversidade do capitalismo, vem invertendo o sentido do trabalho. Hoje o homem além de não reconhecer o objeto de sua criação, também sua força de trabalho se torna mercadoria. Essa força de trabalho é valorada

por aqueles que detêm os meios de produção, eles ditam as regras, criam mecanismos para “camuflar” a exploração, ou seja, o trabalhador não consegue enxergar a mais valia e outras mazelas do capital.

A perversidade do capitalismo não isenta à docência, pelo contrário, ver na organização educacional um dos meios para fomentar mais essa exploração. A sociedade civil organizada cada vez mais intervém na educação do nosso país. Organizações vinculadas ao terceiro setor estão ganhando espaço nas decisões educacionais. A intensificação do trabalho docente, o modelo gerencial na gestão educacional e a cultura da performatividade, são mecanismos criados por organizações que administram a educação, ligadas ao setor privado para distanciar o docente de sua real função social, que são a emancipação do indivíduo, tornando-lhe um ser omnilateral.

## REFERÊNCIA

ANTUNES, R, (Org.). **A Dialética do Trabalho**: escritos de Marx e Engels, São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

APPLE, M.; BEANE, J. (Orgs.). **Escolas Democráticas**. São Paulo: Cortez, 1997

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**, 6. Ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004

OLIVEIRA, F. M. Cultura Política e Construção de Identidades Coletivas dos Sujeitos Sociais. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia** (maio, junho / 2007); UFPE, Recife (Pe)

.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-366-8



9 788572 473668